

Minha família começa assim:

Pietro Mariot - casado com Tereza De Bona Porton. Este é o meu tataravô. Morava em Pirago - Longarone, província de Bolzano - Itália.

Era professor de Faculdade e estava muito bem de vida sendo proprietário até de um palácio (fotografias deste palácio encontram-se nas mãos de seus descendentes incluindo Amabile Mariot Damiani e Anna Mariot Vieira).

Havia uma mulher de nome Margherita, era riquíssima possuía muitos bens e fazia altos negócios, ^{esta} ~~que~~ era amiga do meu tataravô.

Acontece que nestes grandes negócios a "Grande Senhora" (assim era conhecida por todos) se deu mal e pediu ao meu tataravô, Pietro Mariot, que financiasse elevada quantia de dinheiro que depois pagaria com juros elevados. Mas acabou perdendo tudo e deixou meu tataravô na miséria.

Seu cabelo embranqueceu todo de um dia para outro e seis meses depois morreu.

Caso não tivesse tido este desastre na vida do meu tataravô seus descendentes não teriam vindo ao Brasil e sofrido tanto.

Seus descendentes são:

- 1º Matteo Ignacio Mariot (meu bisavô)
- 2º Ignacio Angelo Mariot
- 3º Margherita Mariot

II

Um pouco da história dos filhos de Pietro Mariot e Teresa De Bona Porton a começar pelo 2º filho já que o 1º é meu bisavô onde darei sequência à história.

2º Ignacio Angelo Mariot - nasceu em 24-09-1829 e casou com Maria Bratti, filha de Paolo e Anna Bratti e tiveram três filhos: Michele Primo, 2º Pietro, 3º Veneranda - nascida em 8-05-1868. Não se tem conhecimento deste ramo ter emigrado para o Brasil.

3º Margherita Mariot - nasceu em 8-03-1827 e casou com Domenico Damiani, que é do ramo do Hédi Damiani. Também não se conhece se emigraram para o Brasil.

1º Matteo Ignacio Mariot (meu bisavô)

Nasceu em 30-4-1818 e casou com Anna Fontanella nascida em 11-5-1826 filha de Agostinho Fontanella e Maria Polla.

Foi o único ramo que veio ao Brasil.

Não era a primeira leva veio somente Matteo com sessenta anos de idade com o filho Marco de dezessete anos de idade e solteiro. Sairam de onde moravam: Pirago- Província de Beluno, Itália em 1879.

Junto deles veio a família Longo eles eram muito amigos e compadres mas nunca foram parentes embora deixassem de usar o nome Longo por Mariot.

Isto foi da seguinte forma: Conforme a lista, o capitão do navio, chamava as famílias

Matteo vieram no navio inglês "Sorata" e seus companheiros de viagem

Depois disso, antes de embarcar, esta família chegou ao meu conhecimento. Quando chegou ao Brasil, a família Damiani conseguiu arrumar seu sobrinho no castelo de Damiani

que eram representados pelo seu chefe.

Foi assim que Matteo disse ser todos os que estavam com ele e isto incluía os Longo.

Dali em diante eles adotaram o nome Mariot

O nome deles conforme o livro "Imigrantes" do Padre Quinto Davide Baldezzari, ^{disse} que foi encontrado no verso da lista de passageiros, diz ser Matteo de 25 anos, Madalena de 22 anos e Giovanni de 2 anos, não se enquadra com as lembranças dos filhos dos imigrantes que os conheceram e eu também os conheci.

Nas nossas lembranças trata-se de Marco casado com Madalena e tinham um filho de nome Giovanni, que são os Longo.

Eu pesquisei bastante e só foi encontrado o nome Matteo na família do meu bisavô. Dizem os mais velhos que nunca teve este nome na família Longo - Mariot.

Outros membros desta família vieram ao Brasil e suas terras no Rio Salto, eram vizinhas das terras dos meus tios avós.

Uma irmã de Marco Longo, amigo do meu avô, casou aqui no Brasil, com Marco Mariot, que é o que veio da Itália na companhia do pai ^{Matteo} e tinha dezessete anos.

Na 23^{ta} veio o resto da família de Matteo: a minha bisavó Anna, o meu avô com a mulher, Lucia (Lucieta) e a filhinha Maria (Marieta) e mais ainda o resto dos filhos, menos Gesue.

Os Longo eram conhecidos por Mariot

IV

menos Giesuê porque estava servindo o exercito.

Meu bisavô Matteo e o filho Marco, chegando ao Brasil só encontraram picadas no meio do mato. Não havia nem um ranchinho para se abrigar da chuva e passar a noite.

Passaram as primeiras noites embaixo de uma pedra que formava uma pequena entrada. Estava localizada no Rio Salto e cada vez que eu passava por ali com o meu pai ele dizia: Quando o meu vovô da Itália, dormiu no chão embaixo desta pedra, antes de fazer o ranchinho.

Os filhos de Matteo Mariot e Anna Fontanilla

Os imigrantes:

- | | | |
|-------------------|---------------------|---|
| 1º Pietro Mariot | nascem - 11-01-1848 | (meu avô) |
| 2º Cesare | " " | 09-03-1850 (morreu - Budapest) |
| 3º Giovanni | " " | 04-08-1854 (morreu envenenado) |
| 4º Giesuê | " " | 17-01-1857 (veio no porão do navio) |
| 5º Brígida | " " | 6-01-1859 (esta não ^{não há dados} veio ao Brasil) |
| 6º Marco | " " | 03-03-1861 (veio com 17 anos na 1ª leva) |
| 7º Tereza Brígida | " " | 22-08-1863 (casou c/ Pietro Baldessar) |
| 8º Valentina | " " | 18-10-1865 (casou 1º Framontim - 2º Lenzi) |
| 9º Margherita | " " | 04-01-1868 (casou c/ Luiz Baldessar) |

Agora um pouco da história de cada um deixando Pietro por último por ser meu avô, onde darei sequência à história.

Cesare Mariot - Morreu solteiro na Itália na construção da estrada Transiberiana

em Budapest. Estava trabalhando quando caiu uma barreira e uma pedra passou por cima causando-lhe a morte.

Giovanni Mariot - casou com Maria Colombo e teve quatro filhos. Moravam todos no terreno que venderam ao Caruso onde este colocou sua indústria de vinho e derivados.

A morte dele foi assim: Andava a cavalo entre picadas no mato com outros companheiros, sendo que ele era o último da turma, quando por um motivo qualquer o cavalo se assustou e fez um gesto brusco. Como havia uma árvore caída não deu tempo para se abaixar e passar por baixo, ficou assim preso com os cabelos entre os ramos. A árvore rolou e caiu encima dele quebrando-lhe a coluna.

Foi levado para Laguna, de carro de boi, onde havia médico e hospital, porém nada puderam fazer. Sofreu muito durante muito tempo.

Naquele tempo não tinham nem um comprimido para suavizar a dor, então o médico achou melhor acabar através de envenenamento, sendo o autor inocente uma criança de nome "Kim" Sprizigo.

Giovanni, que não saía da cama desde o acidente, ao tomar o veneno deu um pulo saltou da cama e disse: "Eu me envenenarei!" Ele foi enterrado em Brusanga e mais tarde sua mulher também.

O nome dos quatro filhos. (Todos Brasileiros)

1º filho - Matteo morreu criança.

2º " - Batista (Tita) casou com Carlota Silvestrini (apelido - Marussel)

Seus descendentes moram no Rio Carvão

3º filho do imigrante Giovanni - Umberto, foi morar no Doze (acima de Orleans, mais tarde foi com a família para o Paraná.

4º filho - Giovanna Mariot que trás o nome do pai porque nasceu depois de sua morte. Casou com um Cambruci e também foi morar no Paraná.

História do 4º filho de Matteo.

Giesué - este emigrante veio sozinho e por último, isto é na 3ª leva, porque estava servindo o exercito, na fronteira, sendo que a Italia se encontrava em guerra naquela ocasião

Quando Giesué recebeu o recado dos familiares que diziam terem partido todos para o Brasil, deixou o exercito e procurou um navio que viesse para a América. Foi assim que embarcou clandestino e se escondeu no porão de um navio sendo descoberto em alto mar dias depois.

Desembarcou em ~~Imbituba~~ ^{Laguna} e para dar tempo afim de procurar os pais e irmãos, dirigiu-se para Laguna e foi trabalhar na ponte das Laranjeiras em Cabeçuda para a construção da estrada de ferro Dona Teresa Cristina. Foi ali que perdeu a mão direita na explosão de pedra.

Casou duas vezes: A primeira com Teresa Rosso

VII

de Morro Aléio - Ciciúna - e morreu ao dar a luz a primeira filha - Libera.

O segundo casamento foi com Giovanna Cordela, que também morreu nova e deixou dez filhos.

A miséria bisavó Anna Fontanella, sentia saudades do filho Giesué que pensava estar ainda na Itália.

Certa manhã disse ter sonhado com o filho que o viu chegar e subir o morro e ir ao encontro dela, disse ainda que ele trazia o chapéu na cabeça.

Na mesma tarde ela estava sentada na frente da casa onde morava (atualmente pertence aos filhos de Mansueto Mariot), quando viu um homem com chapéu na cabeça subir o morrinho da casa.

Então ela disse para os que estavam ali: "Vem subindo um homem com chapéu na cabeça, e me par que al se parece Giesué" (me parece que se assemelha ao Giesué. Era ele mesmo.

Giesué teve 12 filhos que são:

1º Anita - nasceu em Laguna; pouco tempo depois Giesué foi para Brusanga. Mais tarde soube que a mãe de Anita havia falecido.

Calhe aqui uma menção honrosa a Giesué por ter ido buscar a filha de 12 anos para morar com eles e a sua esposa Giovanna Cordela, que a recebeu de braços abertos.

Anita que morreu solteira com 97 anos, criou a sobrinha Elsa filha do seu irmão Luiz que ficou com a mãe com 40 dias.

VIII

Anita era filha de mãe de cor preta.

2ª Libera - filha do primeiro casamento de Giesue. Casou com Arcangelo Buttini e moravam no alto do Rio Salto, pois descendentes ainda permanecerem ali e redondezas de Itussanga. Ficou orfã ao nascer.

3ª Teresa - casou com Demark. Moravam em baixo da serra do Doze num lugar de nome Novo Horizonte no município de Lauro Müller. Esta e os outros são filhos do 2º casamento.

4ª Marieta - faleceu de meia idade e solteira.

5ª Luiz - como o pai, ficou viúvo cedo e também casou duas vezes: 1º com Rosa Demark, 2º casamento com Maria Maguco. Depois do 2º casamento saiu de onde morava em Novo Horizonte e foi para Curitiba. Teve muitos filhos que estão em Curitiba menos Elza Mariot Damiani criada pela Tia Anita, e reside em Florianópolis.

6º Manoelto - faleceu com 85 anos. Fazem dez anos incompleto que faleceu. Casou com Emma Costa e ficou morando na casa paterna. Seus filhos: em Itussanga, Goemile e Paraná.

7º Pedro - com 91 anos ainda vive e casou com Desolina de Brida. Também morava em Novo Horizonte - Lauro Müller e mudou-se para o estado do Paraná no município de Dois Vizinhos perto de Pato Branco. Seus filhos estão no Paraná e São Lourenço no estado de Stª Catarina.

8ª Rosa - ainda vive e tem 89 anos e

viuva de Davide Cittadini, mora no alto do Rio Salto. Seus filhos residem na redondeza.

9.ª Valentina - casou com Benvenuto Bez Batti. Faleceu nova, vítima de um acidente provocado por uma aranha (carrocinha com cavalo), o animal se assustou e a mesma virou. Valentina estava voltando da missa do dia primeiro do ano. Dias depois do acidente teve tetano. Morreu deixando 4 filhos pequenos.

Estão estabelecidos no Rio Salto e Orizânia.

10.ª Josefina - Ainda vive e tem 85 anos, nunca se interessou em casar e sempre foi filha de Maria. Atualmente quando a saúde lhe permite ainda frequenta a igreja. Nas festas da nossa Senhora vai vestida de branco com a fita da medalha azul. Mora nesta cidade em companhia da sobrinha Leida Mariot Bortolin.

11.ª Antonia - casada com Querino Peramai tem 83 anos. Ela e seus descendentes vivem nas redondezas desta cidade.

Esta mulher é uma heroína que serve de exemplo para todos nós, principalmente quando nos queixamos da vida.

Anos atrás teve de amputar as duas pernas devido a um problema de diabetes.

Foi a luta, não se meteu nos cantos a chorar. Trabalha contente e feliz dentro e fora de casa. Empurra a sua cadeira de rodas e vai na estufa escolher fumo.

Suco isto sem necessidade porque a sua situação financeira, deixada pelo esposo ao

esmoieiros.

para o

exemplo

um

Antonia

Antonia

Antonia

X

falecer, e' muito boa.

12 Martin - faleceu aos quatro anos de idade vítima de sarampo.

Foram estes os 12 filhos do imigrante Giesue.

Agora o 5º filho do bisavô Matteo.

5º Brigida - conforme registro encontrado nasceu em 6-1-1859. Não veio ao Brasil, não há histórico nenhum sobre esta filha, talvez tenha morrido em criança pequena.

6º Marco - Este é o que veio junto do pai para o Brasil na 1ª leva. Casou com Antonia Mariet (Longo) e era chamada por Tonina. Tiveram cinco filhos homens e seis mulheres.

Uma morreu queimada quando era pequena, porque não havia fogão e o fogo era feito no chão e as panelas penduradas por uma corrente.

Os que se criaram foram:

1º Adelia - casou com Fontana.

2º Matteo - casou com uma - Fontanella.

3º Jose' - casou com uma - Trevisol

4º Lucia - 5º Angelo - 6º Luiz - este quebrou a coluna quando abriu um poço e morreu vinte dias depois.

7º Marieta - casou com Santo Cittadini e morava no Rio América.

8º João - 9 Ida - 10 Amabile - 11 Henriqueta. Estes eram os filhos do imigrante Marco que se estabeleceu ao ^{lado} do terreno do irmão Giesue no Rio Salto.

Mais tarde vendem e foi morar em Belo Horizonte, município de Lauro de Freitas, ou, como diziam antigamente: no "Doze" por ficar embaixo da serra do mesmo nome, hoje conhecida por serra do Rio do Pasto.

Seus filhos ainda estão por ali.

Marco morreu aos setenta anos, e a causa foi o deslocamento de uma perna que meses depois veio a falecer.

7º Teresa Brigida - também filha de Matteo Mariot. Casou com Pietro Baldessar e moravam no Rio Deserto. Tiveram 10 filhos:

1º Marieta - (quasi cega) morreu solteira e de ataque cardíaco.

2º Josefina Baldessar - casou com Nicoló Coral. Morava em São Bento Baixo, município de Iguatema. Morreu entre 65 a 70 anos - ataque cardíaco

3º Ana - casada com Batista Malgaresi.

Também morava em São Bento Baixo e morreu de ataque cardíaco com 70 anos.

4º Giacomo (Giacomini) faleceu com 18 anos afogado em Bom Retiro (estrada que vai para Florianópolis) por ter tomado banho após o almoço.

5º João Baldessar - casado com Itália Scarper (apelido), morava em Urubici. Morreu idoso. Seus filhos e netos ainda moram ali.

6º José Baldessar - mais conhecido por Bepi, é o 6º filho de Teresa Brigida Mariot Baldessar e casou com Angelina Benedet. Este é o pai de Mario Baldessar que mora no Rio Salto Baixo.

Bepi - Morava na casa paterna e seus filhos continuam nas mesmas propriedades e vizinhanças.

Morreu com 64 anos de ataque cardíaco.

7º Amabile - casou com Josepim Coral. Morava em Nova Veneza e depois em Itara.

Morreu há poucos meses com mais de noventa anos.

8º Luiz Baldessar - casado com Olimpia . . .

Se estabeleceu em União da Vitória no estado do Paraná.

9º Giacominna - casou com Pedro Benedet.

Morava em Orleans e morreu com mais de 70 anos.

Em março de 1974 foi a época da grande enchente, fenômeno nunca visto em Santa Catarina principalmente nos municípios do sul. Giacominna, nesta ocasião recebeu a visita de um filho, nora e neto que moravam no município de Estrela no Rio Grande do Sul. Alegres e felizes junto da mãe e outros familiares, resolveram ir até o sítio de suas propriedades de carro de boi.

Em certo lugar, no caminho pararam em cima de uma ponte para bater fotografias e não notaram a grande quantidade de água que vinha de uma represa estourada na terra e acabou levando a ponte com carro de boi e os que estavam ali.

Giacominna, a nora e o neto não conseguiram se salvar.

O corpo de Giacominna foi encontrado dias depois na Madre no município de

Subarão.

10ª Margherita - última filha da emigrante Teresa Brigida Mariot Baldessar, mãe do Bepi. Casou com o viúvo Morelto Gava. Morreu nova ao dar a luz ao quarto filho em São Bento Baixo - Venesa.

8ª filha de Matteo Mariot.

8ª Valentina - também emigrante.

Casou com José Tramontim e teve uma filha - Ana (Aninha) e foram morar na serra. O marido bebia muito e saía de casa deixando a mulher e a filha no abandono durante muitos dias e até mês. Quando voltava não trazia nada, sendo que até fome passavam, e repetia isto com frequência.

Um mascate Toscano da Itália, vendo esta situação e enamorando-se de Valentina, insistiu para que ela fosse para o Rio Grande do Sul junto dele.

Os Mariot como eram muito moralista não se conformavam com esta situação e diziam que o demônio a tinha levado. Se estabeleceram em Nova Prata.

Henrique Lenzi, era uma ótima pessoa e muito trabalhador e fez grande fortuna. Valentina, apesar da distancia e dificuldades de transportes não deixava de vir visitar a mãe e os irmãos e trazer sempre bons presentes. Mais tarde vieram buscar a mãe Anna Fontanella Mariot, para

XIV

morar com eles e a trataram muito bem até o fim de sua vida.

Os irmãos de Valentina vendo o tratamento que ela e sua família dispensaram à sua mãe, perdoaram-lhe totalmente por ter abandonado o 1º marido. Valentina morreu com ⁹²~~84~~ anos em 1947. O corpo de Anna Fontanella Mariot, encontra-se no jazigo dos Lenzi em Nova Prata - R. G. S. no qual se lê o seu nome e a idade de 92 anos.

Enquanto o corpo de seu esposo ou seja o meu bisavô está na capela dos herdeiros de Manoel Mariot, filho de Giesuê, em Urussanga.

Valentina, pôde casar legalmente com Henrique Lenzi pouco tempo depois, porque seu 1º marido morreu em seguida por causa da vida desregrada que levava.

Filhos da imigrante Valentina

1º Ana (Aninha) filha do 1º marido - José Tramontim. Foi pequena para Nova Prata junto da mãe e casou com Fernando Lenzi, irmão de Henrique Lenzi. Tornou-se cunhada da mãe e morreu nova deixando onze filhos.

2º Teresa, casou 1º com Renato D'Ávila, ficou viúva nova com oito filhos pequenos e casou a 2ª vez com Isidoro Saggin e teve mais três filhos. Foi residir em S. Paulo com o marido e os filhos. Chegou idosa e seus descendentes estão em S. Paulo.

3º Leonel - este é meu padrinho de batismo. Casou com Lucila Singer, moça de Porto Alegre que foi em Nova Prata como professora. Ele morreu novo, vítima de tuberculose e (segue) na época a tuberculose era incurável.

XV

deixou três filhos pequenos.

4º Luiz - casou com Magdalena Soaldo e teve 5 filhos.

5º Demétrio - casou com Elma Eli. Teve seis filhos

6º Venceslawa - (Kégra) casou com Zanettini. Teve quatro filhos. Um deles é o Monsenhor - Sidney.

7º Atilio - casou com Catarina Schenaiders, teve 2 filhos.

8º Adeline casou c/ Rogerio Galiazzi, teve 7 filhos

9º Avelino casou c/ Anagilda Cherubini, teve 6 filhos

A maior parte dos descendentes de Valentina ainda vive em Nova Prata - R. G. S.

Última filha do bisavô Matteo.

9º Margherita - veio ao Brasil em 11-4-1882, e nasceu em 4-1-1868, portanto com quatorze anos. Casou com Luiz Baldessar.

Ela e a irmã Teresa Brigida casaram com dois irmãos Baldessar.

Morreu ao nascer a primeira filha que recebeu o nome da mãe.

Ele casou a segunda vez com Luiza Mutini e entre os filhos teve Antonio Baldessar.

Este casou com Margherita Mariot, irmã do meu pai (Cesare) e são os pais do Monsenhor Quinto Davide Baldessar.

Até agora dei o nome dos filhos, filhas, noras e genros e ainda os netos de Matteo e Ana Mariot. Só não falei do filho mais velho que é Pietro por ser meu avô.

Deste imigrante darei o nome dos filhos e netos e ainda com quem casaram, a seguir.

XVI

Pietro Mariot (meu avô paterno).

1º Filho de Matteo Ignazio e Anna Fontanella nascido em Pirago - Longarone na provincia de Belluno - Itália.

Nasceu em	11-1-1848	(Pirago)
casou "	27-2-1878	(Longarone)
Partiu de Longarone	04-2-1882	
Chegou ao Brasil	11-4-1882	
Faleceu	7-12-1933	(Urussanga)

Casou com Lucia Olivier (carinhosamente) chamada Lucietta), filha de Giacomo Olivier e Maria Lossi, que haviam morrido quando a filha casou.

Ela tinha 21 anos e era de um lugarejo de Longarone chamado Coclissago.

Não há nenhum conhecimento sobre os irmãos dela. Sabe-se apenas, veio ao Brasil um primo irmão e se estabeleceu em Rio Malha, Urussanga.

O meu avô ia na Austria cortar madeira e levava a mulher junto, foi assim que a primeira filha, Maria (Marieta) nasceu na Austria, porém não sei onde foi registrada. Depois disto ele comandou a 2ª leva para o Brasil.

Como já falei veio ele, a mulher, a filhinha, e todos os irmãos menos Giesue e trouxeram a mãe junto e as irmãs.

Chegando em Laguna, meus avós e a pequena Marieta se afastaram dos demais e foram

em Beluno - Itália.
apenas uma filha que foi registrada em Genova - Itália.
casou com o filho de Lucietta e morreu em 1882.
casou com o filho de Lucietta e morreu em 1882.
casou com o filho de Lucietta e morreu em 1882.

Marieta foi registrada em Genova - Itália.

perto de uma casa que havia por ali.
Minha avó estava grávida em tempo de
dar a luz e com o movimento do mar, e o
navio sem conforto, não aguentava mais,
deitou-se no chão encostada da casa.

A dona da mesma apareceu e estendeu-lhe
um travesseiro para que recostasse a cabeça.
Seis dias depois, já em Brussanga ela
teve um menino que deram o nome de
Cezare. Este é meu pai.

Ao escrever esta passagem não posso dei-
xar de derramar sentidas lágrimas pelo
seu sofrimento e agradecer a Deus por todos
os seus descendentes que embora não sendo
ricos, têm uma vida de conforto e far-
tura jamais sonhada por eles.

Meus avós ao chegar em Brussanga foram
junto dos demais familiares para R. Salto.
O meu bisavô Matteo e o filho Marco ti-
nham preparado uma casinha de palha
para recebê-los.

Com o tempo cada um tomou posse do
seu terreno conforme foi determinado.

Foi assim que meu avô veio morar no
muro do Peraro. Depois o topógrafo Birim
trocou este terreno por um perto da praça,
ao lado direito do Rio dos Americanos.

Meu avô construiu primeiro um sanchinho
de palha onde se encontra a atual escola
Básica Barão do Rio Branco.

Depois uma casinha de madeira sem
assobalho, que eu conheci, e mais tarde uma
casa de tijolos. Estas duas últimas no alto

XVIII

do outro lado da estrada. Atualmente no mesmo lugar encontra-se a casa de Bruno Mariot (filho de Pesaro) meu irmão. Eu moro na Rua Barão do Rio Branco.

Neste local o meu ^{pai} tinha uma olaria, mas bem antes disto minha avó Lucieta presenciou uma cena de morte. O Topógrafo Birim arrastou um negro até onde se encontra a minha casa; na época só existia mato, e acabou com a vida dele a pauladas, só por ser de cor. 1ª continuação na folha anessa

A dona Lucieta ficou horrorizada com o fato e procurou durante alguns tempos ~~se~~ ^{se} esconder-se e não ser vista por ninguém por medo de perguntas e virgancas. 2ª continuação

Os primeiros anos foram difíceis, eram os índios e animais silvestre, mato por todos os lados, falta de ferramenta, de estradas e mantimentos como conta a história do meu avô materno, Giovanni Savi Mondo, que minha mãe contava da seguinte forma: Os imigrantes teriam do governo o fornecimento, durante um ano, daquilo que precisassem e pagariam em prestação.

Havia um enorme barracão coberto de palha com os produtos para atender os colonos. Estava situado onde se encontra o jardim na praça Anita Garibaldi.

Vieram as mulheres do Rio Maior e pediram o que precisavam. Elas estavam de avental e o balaio (darlim) nas costas. Os funcionários com medo que viesse a faltar comida para eles, devido as dificuldades

os abissínicos venderam os produtos que precisavam para os colonos. Os abissínicos venderam os produtos que precisavam para os colonos. Os abissínicos venderam os produtos que precisavam para os colonos.

os escravos

nos transportes, & disseram que não tinham mais nada. Chorando ^{as mulheres} falaram: Que daremos de comer aos nossos filhos?

Eles responderam: Não matem um filho e comam o mesmo.

Meu avô materno viu a cena e viu também uma enorme cobra caninana.

que andava encimra de uma travessa de madeira que servia para segurar a parede do barracão.

Um pulo pegou a cobra que abriu as mãos com os dentes e disse:

- Arrumem comida para estas mulheres já ou faremos o mesmo de vocês.

Em poucos instantes elas ficaram servidas e tudo acabou bem.

Naquele tempo não havia serrarias, por isso serravam as táboas a mão e o pilar das casas era de um tronco de árvore com uma circunferência de um metro e meio ou mais, que pode ser visto ainda na churrascaria de Bruno Mbarist. meu irmão

As casas de material tinham na parede um pranchão colocado horizontalmente e alcançava a parede toda que o reboco escondia. Porque isto? Seriam medo de tremores de terra? Ou eram feitas para durar mais de cem anos?

A construção era tão forte que os tijolos da época eram vitrificados de tão cozidos.

Quando eu era pequena e tinha que ajudar a carregar tijolos na olaria do meu pai eu via bem as exigências dele.

XX

Eu gostava muito da minha avó Lucieta. Lembro das vezes que ia no parreral, me levava junto e mostrava um morão de calgerana que sustentava a vinha e tinha um buraco, mais ou menos de 30 por 50 cms e dizia que os índios haviam tirado mel de abelha.

Lembro também que no rotom da casa ela guardava com carinho uma engenhoca de madeira que dizia ser a "corleta" e servia para fiar a lã dos carneiros com o qual, quando mais nova fazia meias e cobertas.

Conheci também, os lençóis de linho grosso que vieram da Itália.

No quintal ela plantava um pouco de sorgo, Algodão, lin e capim de inverno para os terneirinhos. Quando algum destes morria, ela tirava a pele e cortia, depois montava um de palha, dizia que era para a vara dar o leite.

Minha avó era metida a médica, ela tinha uma agulha de prata de uns 12 cms de comprimento, numa das pontas era fina e na outra tinha uma bolinha, sendo que furava os machucados e tumores de quem a procurava.

Tinha ainda uma tesoura preta reservada só para cortar uma película embaixo da língua das crianças que custassem a falar. Tudo isto sem anestésico.

Parece que das filhas somente a Stália herdou este dom. Esta operava a canivete.

Meus avós davam muito valor ao papel escuro, tipo ao que vem enrolado no algodão e chamavam de carta "torquima". Era guardada na cómoda e servia para por encima dos machucados com um pouco de azeite de oliva.

Pietro, conhecido por todos por Piero, era uma pessoa inteligente, boa e alegre.

Frequentou a igreja até quase o fim da vida e dizia que na Itália aos domingos ia a 1ª missa em Pirago onde morava e a 2ª em Coclissago, meus irmãos descobriram então que ele ia se encontrar com a monja Lucietta.

Ele ria quando contava sobre os namorados da minha avó. Dizia que um amigo lhe contou ter conhecido uma moça muito bonita em Coclissago e pediu ao meu avô para falar com ela afim de arrumar-lhe uma namorada. Meu avô disse que ao ver a moça tão bonita arrumou o namoro para ele e acabou casando.

Contava também da morte por afogamento, no Rio Piave de outro namorado da minha avó cujo retrato ainda se conserva e está nas mãos de meu irmão Mário.

Meus avós nunca tiveram algum problema físico ou mental. A doença mais grave dele foi uma ernia que operou aos 84 anos. Morreu com 86 anos e a causa foi coração. Pouco tempo antes de morrer, deitado no chão administrava o trabalho dos meus irmãos, na construção da

da minha avó
se com o meu irmão Mário
encontram - se com o meu avô
de cirurgia
de estômago

cantina de pedra que se encontra nas propriedades de meu irmão Bruno.

Piero, na Itália trabalhava de "segantini", isto é serrador em serrarias tocadas com a água do Rio Piave, e quando podia pescava trutas no mesmo rio.

Aqui no Brasil como não havia serrarias na época além de colono abraçou a profissão de pedreiro de pedra. Na estrada de ferro Dona Teresa Cristina construiu boeiros e pilares de pontes. Em Laguna, enquanto trabalhava, o paletó que estava perto, caiu no mar.

Quito dias depois veio um mergulhador e conseguiu trazer o paletó de volta, mas lamentava porque este rasgava facilmente. Minha avó, depois de três meses de doença ignorada faleceu com 73 anos.

O casal foi sepultado no cemitério antigo que ficava atrás da igreja Nossa Senhora da Conceição junto dos restos mortais da filha Teresa. Depois foram levados para o cemitério novo no túmulo que pertence ao meu irmão Bruno. Mais tarde seus ossos foram passados para o túmulo de meu irmão Olívio, afim de acomodação de mortos.

Os filhos de Pietro Mariot e Lucia Olivier

Estes imigrantes tiveram 7 filhos sendo um homem e seis mulheres.

1ª Maria - (Marieta) - esta também é imigrante, nasceu na Austria em 22-12-1878. Casou com Euclides Peraro. Residiram em

porque ele faleceu muito cedo e quando eu era muito pequena já era tarde. Minha avó morreu de fome e quando eu era muito pequena já era tarde. Minha avó morreu de fome e quando eu era muito pequena já era tarde. Minha avó morreu de fome e quando eu era muito pequena já era tarde.

XXIII

Cocal, ali perderam uma filhinha, que diziam ser a peste negra. A família teve que se isolar dentro de casa por causa desta doença.

Lembro que meu pai foi visitá-los mas, foi impedido de entrar.

Os vizinhos levavam-lhe comida até o portão e dali voltavam. Quando a menina morreu tiveram que sair somente em quatro pessoas para levar o caixão e ir direto para o cemitério. De noite.

Escrevo esta passagem para verem quanto os emigrantes e seus filhos sofreram por falta de recursos. De noite.

Depois disto meus tios e os filhos foram para Araraquá

Tinham muitos filhos e seus descendentes ficaram por ali mesmo e outros foram para Tubarão, Criciúma e norte do Brasil.

2º Cesare Mariot - nasceu em 19-4-1882.

Nasceu seis dias depois da vinda dos meus avós ao Brasil.

Meu pai era Getulista, por isto se orgulhava de fazer anos no mesmo dia do aniversário do presidente Getúlio Vargas.

Deitarei para o fim as lembranças que tenho do meu pai.

3º Ana (Aneta) - nasceu no Brasil em 10-4-1884 e casou com Emilio Savi, eles foram morar em Treviso.

Seus filhos foram morar em Siderópolis e Criciúma. Eles também morreram com bastante idade.

XXIV

4ª Teresa - nasceu em 18-3-1886 e morreu em 17-4-1903 com 17 anos vítima de tétano causado pelo ferimento de um prego.

Sua fotografia com ela morta permaneceu na sala da casa do meu pai por mais de 35 anos.

5ª Italia - nasceu em 17-3-1888. Casou com José Lavina. Morreu idosa de ataque cardíaco.

Estabeleceram-se em Boa Vista (Belveder), depois dos filhos casarem, foram para Rio América e mais tarde no norte do Estado junto dos filhos.

6ª Margherita - nasceu em 27-7-1890 e casou com Antônio Baldessar. Estes são os pais do senhor Quinto Davide Baldessar, que por sua vez teria uma longa história para contar, embora nada tenha falado no seu livro "Imigrantes".

Trata-se dos anos que passou no Suécia como capelão junto aos soldados brasileiros. Atualmente aposentado como coronel do exército atua como paraco em São Bento Baixo, Nova Friburgo.

Os descendentes dos meus tios residem uns ali mesmo, outros em Curitiba, em Maranguá, Curitiba.

Margherita Mariot e Antônio Baldessar faleceram com bastante idade.

7ª Dozolina Mariot - nasceu em 4-1-1892 e casou duas vezes. A 1ª vez com Antônio Crema e ficou viúva com dois filhos pequenos. Ilse e Angelo.

casou a 2ª vez com Arcangelo Bianchini.
Foram morar em Laguna e morreu muito
idosa, mas ficou acamada muitos anos.
Seus descendentes residem em: Curitiba,
Florianópolis, Ijuí - P.R.S. e Rio de Janeiro.

Um pouco da vida de Osare (meu pai)

Os imigrantes assim que os filhos cresciam
aproveitavam sua mão de obra e estes por
sua vez amadureciam cedo porque a
situação exigia, e enfrentavam a luta.

Um menino de doze anos, era conside-
rado um homem, cangava os bois e ia
para a roça. Assim meu pai com um
pouco mais de idade, mas muito novo
ainda, se juntava com o seu carro, aos
carreiros mais velhos e experientes
para carregar produtos brutos que buscavam
no Rio Maior e levavam para Azambu-
ja, que depois por intermédio de outros
iria para Tubarão. Tudo isso para
ganhar alguma coisa.

Andavam em turnas porque os carros
atolavam em buracos de lama de quase
um metro de profundidade. Neste caso
quando os bois não tivessem força
suficiente para tirar os carros dos atolei-
ros, precisava muitos homens para des-
carregar, tirar o carro da lama e tornar
a carregar.

Continuavam a sua viagem e com eles
o canto das rodas dos seus carros.

Seu pai
foi muito
carro com
a família
do grande
carro, ambos

Diziam que era para chamar atenção e se alguém escutasse e depois não houvesse mais barulho iria socorrê-lo.

Chegavam no Rancho dos Bugres de madrugada onde paravam para comer e descansar, já que estavam fora de casa desde o dia anterior.

Lá morava a minha avó materna, a famosa parteira e doutora, Rosina Burigo Savi Mondo. Ela também operava muito e sem anestesia.

Os carreteiros ao chegar no alto do morro gritavam: La polenta!

A minha avó Rosina imediatamente chamava a minha mãe (Amabile) em noite de inverno frio e muitas vezes chuvosas para fazer comida.

Os carreteiros chegavam cheios de lama, molhados e tremendo de frio.

Foi assim que meu pai conheceu a minha mãe e anos depois casaram.

Mais tarde foi trabalhar em terra planagem no Rio do Peixe, na estrada de ferro.

Adquiriu experiência neste ramo que lhe valeu para comandar turnas no M.G. do Sul, como foi no H. 37 de Basilio e Jaguarão em 1912 a 1913. Seu pagamento foi em libras esterlinas que foi obrigado a vender por onze milreis (11), cada uma afim de pagar os impostos.

Quando o meu pai saía para trabalhar fora de casa a minha mãe ficava com os filhos pequenos, junto dos sogros.

Ela tinha poucas notícias do marido porque os correios eram difíceis.

Em 1920 meu pai e minha mãe com quatro filhos, tendo o mais velho 13 anos de idade saíram daqui para procurar trabalho no P. G. do Sul.

Sua viagem foi assim: Até Palmeiras do Meio, as roupas, lanche e crianças foram de carro de boi, dali até com as troças nas costas até encontrar o ramal da estrada de ferro D. Tereza Cristina e de trem até Laguna.

Viajaram durante três dias até chegar ao porto do Rio Grande. Dali até cruzou Prata onde parou uns dias em casa da tia Valentina Lenzi. Em seguida foram em Alfredo Chaves atual Veranópolis. Ali eu nasci em 14-5-1921.

O trabalho do meu pai, foi comandar uma turma que foi daqui para fazer um campo de futebol que foi aplainado com pá e picareta carregando a terra em galhotas.

Em 1922 conseguiram trabalho, junto a sua turma na estrada de ferro do P. G. Sul em Restinga Seca.

Em outros pontos mais, ele conseguiu trabalho. Sendo que certa vez subir a serra das Pedras a pé com 50 a 60 homens e foi até Taquara no P. G. S.

Os moradores de lá vendo tanta gente pensaram que fosse uma revolução.

Assustados corriam de um lado para outro, enquanto meu pai disse que eram trabalhadores honestos e que só pararam porque estavam com fome, e foram bem tratados.

Esta lista meu pai sempre foi acompanhado pelos filhos mais velhos e pelos primos que são os filhos dos imigrantes Giesué e Mariot e de Giovanna Cordeira.

Trata-se de Luiz, Mansueto e Pedro que eram excelentes companheiros e ótimos trabalhadores.

Naquela época não marcavam as horas de serviço, trabalhavam de escuro a escuro.

Muito tarde meu marido Albino Belloli, que era pedreiro construtor de casas, deixou esta profissão para seguir a mesma dos Mariot. Estas andanças pelo R. G. Sul tivemos o privilégio de sermos também, acompanhados por Mansueto que com sua experiência nos valeu muito e nunca nos abandonou.

O costume daquele tempo era dos filhos entregarem todo o dinheiro que adquiriam aos pais. Meus avós então determinavam o que deveria ser feito.

Agora vou contar uma passagem de quando eu era muito pequena e que até hoje não contei a ninguém, mas ficou gravada em minha mente.

Meu pai entregou um pacote de dinheiro, que ao meu ver deveria ter cinco cms de altura ao meu avô, este foi na cozinha falar com a minha avó e disse o que ia fazer com o mesmo, mas ela não concordou. Ele ficou irritado espalhou o dinheiro pelo chão e disse: «Snhazete, Luciete!» Que quiz dizer «pega Luciete!»

Eu que estava sentada na borda de um enorme fogão de cimento tratei de fugir bem rápido sem ver quem ajuntou o dinheiro.

Os Mariot trouxeram da Itália uma Bíblia escrita em italiano, que conforme a tradição passa de geração em geração sempre ao filho mais velho do sexo masculino.

Isto a mais de trezentos anos. já não se sabe ler o que está escrito porque sua ortografia mudou muito.

Atualmente encontra-se nas mãos do meu sobrinho Gilraíl Mariot

Este meu trabalho foi realizado graças as anotações que eu fiz das perguntas à minha mãe há mais de quarenta anos e atualmente pesquisas feitas com Josefina Mariot - filha do imigrante Giesué.

Mário Mariot - meu irmão.

Amabile Mariot Damiam - minha sobrinha.

Mário Baldessar e filha Irani.

Alba Lenzi, está casada com Clovis, ^{neto} filho de Valentina

A todos os meus agradecimentos.

Eu tenho setenta e três anos e não tenho o ginásio completo, por isso não levem em conta o meu mal escrito, mas sim o único objetivo que é de recordar os imigrantes com os filhos, nas suas lutas, afim de nos beneficiar, e não deixar que nenhum deles se perca na memória de seus descendentes por muitos anos ainda.

Mussunga, 15 de dezembro 1994
Leda Tereza Mariot Belloli

Também imigrante